

"Natureza", "substância" e metáfora em Aristóteles

Lucas Angioni

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

angioni.lucas@gmail.com

RESUMO: O propósito deste artigo é discutir um difícil trecho da *Metafísica* de Aristóteles (V. 4, 1015a11-13), no qual o filósofo parece identificar um uso metafórico do termo "natureza" (*physis*) para se referir às entidades que, em sua filosofia, são denominadas de "substância" (*ousia*). Defendo que Aristóteles, no referido trecho, se vale da noção exata de *metáfora baseada em uma analogia* (definida na *Poética* e na *Retórica*), a qual se funda na semelhança (ainda que tênue) entre duas relações (cada uma delas envolvendo dois itens relacionados). No trecho 1015a11-13, temos sentenças do tipo que usualmente empregamos, no nível da metalinguagem, para esclarecer o uso metafórico dos termos. Aristóteles pressupõe a seguinte semelhança: tanto a natureza como a substância são, em seus respectivos domínios, um princípio que garante (entre outras coisas) certas condições de persistência para aquilo de que são princípio. E isso basta para o uso metafórico de "natureza" para se referir a substâncias.

246

Palavras-chave: substância; natureza; linguagem; metáfora.

"Nature", "Substance" and Metaphor in Aristotle

ABSTRACT: This paper addresses a difficult passage from Aristotle's *Metaphysics* (V. 4, 1015a11-13) in which he identifies a metaphorical use of the term "nature" (*physis*) to refer to the entities which he calls "substances" (*ousiai*). I claim that the passage at stake deploys the very notion of *metaphor on the basis of an analogy* (as defined in the *Poetics* and in the *Rhetorics*), which is grounded on a weak (and, sometimes, very weak) similarity between two relations (each involving two *relata*). The sentences found in 1015a11-13 belong to those kind of metalinguistic sentences which we usually employ to shed some light on the metaphorical use of a term. The similarity Aristotle is presupposing is this: both nature and substance are, in their respective fields, some kind of principle that guarantees (besides other things) certain persistence conditions for what they are the principles of. And this weak similarity is enough for the term "nature" to refer metaphorically to substances.

Keywords: substance; nature; language; metaphor.



Introdução

O livro V da *Metafísica* de Aristóteles reúne observações sobre o uso de termos importantes empregados na filosofia. Na seção final do capítulo 4, dedicado ao termo “φύσις” (natureza), lemos o seguinte (1015a11-13):

[11] μεταφορᾷ δ’

[12] ἤδη καὶ ὄλως πᾶσα οὐσία φύσις λέγεται διὰ ταύτην, ὅτι

[13] καὶ ἡ φύσις οὐσία τίς ἐστιν.

A tradução da passagem, ainda que protocolar – pois cada passo será discutido adiante –, pode ser a seguinte: “já por metáfora, também em geral qualquer substância [ou essência, ou realidade] se denomina natureza por tal razão: porque também a natureza é uma certa substância [ou essência ou realidade]”.¹

A interpretação dessa passagem é bem desafiadora. Como o trecho é lacônico e quase aforístico, o primeiro problema consiste em discernir se Aristóteles está realmente registrando um uso *metafórico* do termo “φύσις” (natureza), conforme à noção exata de metáfora, tal como definida em *Poética* 1457b16-33 (e desenvolvida também na *Retórica*). A julgar por suas opções de tradução, alguns tradutores tenderiam a dizer que se trata de um uso genérico do termo grego “μεταφορά”, o qual não conviria, neste contexto, traduzir por “metáfora”.² Além do mais, os dois termos envolvidos na metáfora – “φύσις” e “οὐσία” – costumam ser usados de diversos modos (que não são metafóricos). O termo “φύσις”, objeto do capítulo em questão, é empregado dos vários modos que foram listados até 1015a11. O termo “οὐσία”, por sua vez, será objeto do capítulo 8 do mesmo livro V da *Metafísica*. Aristóteles registra quatro usos do termo “οὐσία” e parece considerar que (ao menos) os dois mais importantes não são metafóricos: o de *substância* (como entidade autossubsistente) e o de *essência de algo* (como causa pela qual algo é aquilo que é em si mesmo). Particularmente em relação a esses dois usos, há grande controvérsia: os livros VII-VIII da *Metafísica* são dedicados a investigar até que ponto a distinção entre esses dois

¹ “Por tal razão” é um expediente para facilitar a leitura no vernáculo, pois é perfeitamente plausível (e natural) tomar “διὰ ταύτην” em 1015b12 como abreviação de algo como “διὰ ταύτην τὴν αἰτίαν”. Outros tradutores preferem *supor*, como também é natural, que o pronome “ταύτην” se refere a “φύσις” na mesma linha 1015b12. O problema dessa leitura é que, neste caso, a razão para explicar o uso metafórico do termo “φύσις” seria a própria noção de natureza (em vez de alguma característica comum que ela partilha com a noção de substância). Gostaria que me apontassem um caso paralelo para a explicação de usos metafóricos de termos. Talvez seja por tais razões que alguns foram levados a crer que não se trata da noção estrita de metáfora.

² Ross (1925) traduziu como “extension of meaning” (e Barnes (1980) manteve essa opção na revisão que fez para a Revised Oxford Translation); Kirwan (1993) traduziu como “transference”. Eu mesmo, em 2003, traduzi por “transposição” (mas faz tempo que me arrependi). Já Bodeüs & Stevens (2014) traduzem como “métaphore”.

usos é bem fundada e qual é exatamente a relação entre ambos. Diante dessa diversidade de usos de ambos os termos, "φύσις" e "οὐσία", o problema consiste em saber qual deles estão envolvidos nas sentenças em que Aristóteles pretende identificar e explicar um uso metafórico do primeiro.

Pretendo mostrar que Aristóteles de fato utiliza a noção exata de metáfora por analogia (ou proporção), tal como encontrada na *Poética* e na *Retórica*: ele identifica um uso metafórico de "natureza" pelo qual o termo é usado para designar substâncias (e, eventualmente, itens que não são estritamente substâncias, mas exibem uma característica importante das substâncias e, por isso, são às vezes chamados de "substâncias").

1. Metáfora por analogia ou proporção

A metáfora, segundo Aristóteles, é o uso de um termo "X" para se referir a algo que, em sentido estrito, não é denominado por "X". Há quatro tipos de metáfora, mas o principal deles é a metáfora que se funda na analogia, isto é, na semelhança (forte ou fraca – às vezes muito fraca) das respectivas relações entre dois pares de itens: tal como o primeiro está para o segundo, o terceiro está para o quarto (usando-se letras: tal como A está para B, C está para D).³ Em geral, é o nome do terceiro termo que se aplica ao primeiro e, simetricamente, é o nome do primeiro termo que se aplica (ou, ao menos, pode aplicar-se) ao terceiro. Assim, nos contextos apropriados, o termo "C" é usado para se referir a A e, simetricamente, o termo "A" é (ou pode ser) usado para se referir a C.

Se Aristóteles está aplicando essa noção exata de metáfora nesta passagem da *Metafísica*, o primeiro desafio consiste em discernir quais são os dois pares de termos envolvidos – pois só há dois termos: "physis" e "ousia". Muitas vezes, a quadra de termos em uma analogia é reduzida a três, pois um dos termos é usado duas vezes (por exemplo, tal como a Federação está para os Estados, os Estados estão para os municípios – o termo "Estados" foi usado como "B" e como "C"). No entanto, como interpretar uma metáfora por analogia na qual apenas dois termos estão explicitados?

A rigor, essa dificuldade é apenas aparente. A redução de uma quadra de termos a apenas dois não deve causar surpresa no leitor de Aristóteles. É exatamente assim que Aristóteles descreve o uso metafórico dos termos – e é

³ A rigor, literalmente Aristóteles diz "tal como o segundo está para o primeiro, o quarto está para o terceiro" (1457b16-18). Mas essa ordem se deve ao fato de que, em grego, expressões que funcionam como complementos nominais vêm preferencialmente antes do nome que elas complementam. Usando nosso exemplo, a interpretação correta do enunciado de Aristóteles é esta: "tal como o segundo [sc. crepúsculo] está para o primeiro [sc. dia], o quarto [sc. velhice] está para o terceiro [sc. vida]". Como, em português, usamos preferencialmente a expressão "crepúsculo do dia" em vez de "do dia crepúsculo", é mais conveniente enunciar a regra da analogia ou proporção do modo como enunciei. As passagens importantes para o assunto são *Poética* 1457b16-33 e *Retórica* 1404b25ss. (capítulo III.2 praticamente inteiro), 1407a11-18, 1411a1ss., 1412b34-1413a16. Ver Lucas 1968, p. 204-5, Moran 1996, Laks (2020), p. 8-12.

assim, também, que as metáforas acabam por se incorporar na linguagem prosaica, que usamos ordinariamente. É assim, também, que elas são bem sucedidas estilisticamente.⁴

Para deixar claro o ponto, começarei com um dos exemplos preferidos de Aristóteles (cf. *Poética* 1457b22-25). Seja *A* = Crepúsculo, *B* = Dia; *C* = Velhice, *D* = Vida. Há uma semelhança (ainda que fraca) entre as duas relações: tal como o crepúsculo está para o dia, a velhice está para a vida. Essa semelhança entre as duas *relações* autoriza vários passos na nossa linguagem.

Primeiro passo: podemos dizer que “a velhice é o *crepúsculo da vida*” e que “o crepúsculo é a *velhice do dia*” (cf. *Poética* 1457b22-25). O que temos, em ambos os casos, é uma sentença completa, na qual se afirma que o item *C* é *A* de *D* e, complementarmente, que o item *A* é *C* de *B*. Mas é possível dar um segundo passo: em muitas situações, o complemento no genitivo (correspondente às expressões “da vida” e “do dia”, referentes aos termos *D* e *B*) pode ser abandonado, e dizemos (por exemplo) que “a velhice é *crepúsculo*” e que “o crepúsculo é *velhice*”.⁵ Neste segundo passo, o predicado em cada sentença (destacado em itálico) não é atribuído ao sujeito *stricto sensu*, mas apenas metaforicamente, isto é, em atenção a certa semelhança nas relações entre os pares de correlatos (*A:B::C:D*). Mas há, ainda, um terceiro passo. Em muitos casos, a metáfora não tem a forma de uma sentença completa: o termo que aparece como sujeito em uma predicação desse tipo (“a velhice é *crepúsculo*”) pode ser omitido e usamos *apenas* o termo que era predicado para nos referir, metaforicamente, àquilo que é denotado *stricto sensu* pelo primeiro termo. Se quero falar dos meus planos de vida para a velhice, depois de me aposentar, posso usar a seguinte frase: “Em meu *crepúsculo*, hei de me retirar da cidade, para maior tranquilidade”. Nenhum falante competente de português teria dúvidas sobre o que estou dizendo em tal sentença, que é perfeitamente compreensível (ainda que sua elegância estilística seja controversa). Com “meu *crepúsculo*”, obviamente me refiro à minha velhice. Não preciso dizer “no crepúsculo *da minha vida*, hei de me retirar da cidade”, muito menos “em minha *velhice*, *crepúsculo da minha vida*, hei de me retirar da cidade”. Essas duas últimas opções — que envolvem, respectivamente, aquilo que acima identifiquei como *segundo* e *primeiro passo* no uso metafórico das expressões — podem perfeitamente dar

⁴ Aristóteles considerou essa redução (de uma *quadra* a uma *dupla* de termos) como procedimento normal (na metáfora e nas imagens) e até mesmo como um estilo mais bem sucedido (*Retórica* 1412b35-1413a3). Podemos metaforicamente nos referir a *A* seja com a expressão “*C* de *B*”, seja com a expressão “*C*”. Esta última, mais simples, pode ser estilisticamente preferível, dependendo do contexto de uso.

⁵ Em *Poética* 1457b19-20, Aristóteles afirma que a explicitação dos termos *B* e *D* na expressão da metáfora se dá apenas “às vezes”. Ou seja: a rigor (cf. 1457b18-19), o essencial da metáfora é o uso do termo “*A*” no lugar do termo “*C*” (bem como o uso de “*C*” no lugar de “*A*”), sendo opcional a explicitação dos termos correlatos “*B*” e “*D*”. Ver também *Retórica* 1412b34-1413a5.

lugar à formulação mais curta, pois é exatamente assim que termos metafóricos são incorporados no uso prosaico e ordinário da língua.

Essa incorporação de termos metafóricos no uso prosaico e ordinário da língua, que chamei de *terceiro passo*, é um fenômeno de linguagem extremamente comum, mas convém examiná-lo com mais detalhes. O fundamento do uso metafórico de um termo é a relação de analogia ou proporção (A:B::C:D). É claro, porém, que o sinal "::" (ou "="), neste caso, não deve ser entendido de modo literal, isto é, não se deve esperar uma *igualdade* ou *identidade estrita* entre ambas as relações. Uma igualdade estrita entre ambas as relações é o que ocorre na noção original de proporção, proveniente das matemáticas. Mas, quando se trata da linguagem humana, basta haver uma única *semelhança (ainda que fraca)* entre as duas relações. Obviamente, a relação entre o crepúsculo e o dia tem diversas características que não se encontram, exatamente, na relação entre velhice e vida. Mas basta haver *alguma semelhança* entre as duas relações para que o uso metafórico dos termos seja pertinente. É claro, o sucesso estilístico de uma metáfora dependerá de uma boa sensibilidade para detectar semelhanças interessantes etc. Mas a semelhança pode ser tênue.

Outro ponto a ser considerado é que a semelhança entre as duas relações muitas vezes não é identificada por nenhuma expressão específica. Pode-se pressupor a semelhança como óbvia, sem que seja preciso explicá-la ou explicitá-la. Não é preciso explicitar que, assim como o crepúsculo é o *último período* do dia, do mesmo modo a velhice é o *último período* da vida. Mas é possível explicitar essa semelhança, dizendo, justamente, que "ser o último período de" é o fator comum presente em ambas as relações.

Recapitulemos. Esse tipo de metáfora é fundamentado na relação de analogia ou proporção entre quatro itens, agrupados em dois pares. Há uma semelhança, ou um fator comum, entre as relações que permeiam cada um dos pares de correlatos. Assim como A está para B, do mesmo modo C está para D (A:B::C:D).

Essa semelhança pode ser bem fraca: basta haver *uma* característica comum entre as duas relações para que o termo "C" possa ser usado metaforicamente para se referir a A (e, em contrapartida, o termo "A" possa ser usado para se referir a C). Essa semelhança pode ser explicitamente identificada por uma descrição, mas essa descrição não faz parte das expressões que são realmente empregadas quando um termo é usado metaforicamente. Essa descrição (destacada em *itálico*, a seguir) permanece subjacente no pano de fundo, explicitando o fator comum que licencia o uso metafórico dos termos em questão.

Descrição do fator comum: ser o último período de algo (assim como o crepúsculo é o último período do dia, a velhice é o último período da vida).

A partir dessa licença, podemos explicitamente usar expressões metafóricas em três passos (como é regra, as expressões estão entre aspas, para facilitar a identificação). Em todos os três passos, a característica ou fator comum, que pode ser explicitado por uma descrição, atua como pressuposto implícito, sem fazer parte da expressão metafórica propriamente dita.

Primeiro passo:

(1) “a velhice é o crepúsculo da vida” (como sentença completa), ou “a velhice, [o] crepúsculo da vida” (como parte de uma sentença).

Nesse primeiro passo, “crepúsculo” é usado metaforicamente para se referir à velhice. Mas, em ambas as opções, a expressão como um todo comporta explicitamente *três termos* da relação de analogia: C, A, D (“C é o A de D”).

Segundo passo:

(2) “a velhice é crepúsculo” (como sentença completa), ou “a velhice, crepúsculo” (como parte de uma sentença).

Nesse segundo passo, o termo “crepúsculo” também é usado metaforicamente para se referir à velhice, mas o termo D foi omitido na expressão. Basta dizer que “C é A”.⁶

Terceiro passo:

(3) “Em meu *crepúsculo*, pretendo me retirar da cidade”.

Nesse terceiro passo, o termo “crepúsculo”, sozinho, é usado metaforicamente para se referir à velhice, com omissão de todos os outros termos da relação de analogia. Apenas o termo “C” é expresso, para se referir àquilo que é denotado *stricto sensu* por “A” – mas o termo “A” não compõe a expressão metafórica propriamente dita.⁷

A rigor, é o terceiro passo que captura o que Aristóteles quer dizer quando usa a palavra “metáfora” para classificar um tipo de *termo* (*termo*, neste caso, se opõe a *enunciado composto*, ou a *sentença completa*).⁸ Os dois primeiros passos são bem úteis para explicar o que está subjacente ao uso metafórico dos termos, mas, se forem explicitamente usados na linguagem prosaica, resultam (no mais das vezes) em estilo menos sutil, menos elegante. Mas não preciso entrar nesses detalhes, que são devidamente importantes para o estudo do *estilo literário* e do *estilo retórico* em Aristóteles. Meu objetivo consiste apenas em aplicar esse aparato teórico para compreender *como* Aristóteles identifica um uso metafórico de “φύσις” (natureza), no qual o termo se refere aos itens que são identificados como *ousiai*. E o *segundo passo*, embora seja estilisticamente inferior ao terceiro, se mostrará útil para explicar o que está acontecendo em 1015b11-13.

⁶ Cf. *Poética* 1457b19-20, *Retórica* 1412b34-1413a5.

⁷ É isso que, a rigor, é o essencial na metáfora: cf. *Poética* 1457b18-19 e (para os demais tipos de metáfora) 1457b6-16.

⁸ Ver *Poética* 1457b1-2 e *Retórica* 1404b26-33.

Na linguagem prosaica e ordinária, o uso de termos metafóricos ocorre de modo predominante em sentenças do tipo (3): (3) "Em meu *crepúsculo*, pretendo me retirar da cidade".

Mas sentenças do tipo (1) e (2) são muito úteis para explicar, já no plano metalinguístico, a que nos referimos com os termos metafóricos. Suponha que meu interlocutor, desatento (ou um estrangeiro que não domina ainda o português), não tenha entendido o que quis dizer com a sentença (3). Para explicar que, com "crepúsculo", refiro-me à *velhice*, posso perfeitamente usar uma sentença como (1) ou (2): (1) "a velhice é o crepúsculo da vida"; (2) "a velhice é crepúsculo".

Como desenvolverei na seção seguinte, são duas sentenças do tipo (2) que temos em 1015a11-13, quando Aristóteles identifica um uso metafórico de "natureza".

2. Uso metafórico de "natureza"

Em sentenças do tipo (2), "a velhice é crepúsculo", é o termo predicado que é usado metaforicamente para se referir à coisa denotada pelo uso não metafórico do termo sujeito. Ou seja, é "crepúsculo" (predicado da sentença), que é usado metaforicamente. Mas dado que o uso metafórico dos termos se funda na analogia (como semelhança entre as relações entre dois pares correlatos), é possível inverter a ordem dos termos na sentença predicativa e dizer:

(2*) "o crepúsculo é velhice".

De novo, é o termo predicado que é usado metaforicamente para se referir à coisa denotada pelo uso não metafórico do termo sujeito — ou seja, como a ordem sujeito-predicado da sentença (2) foi invertida na sentença (2*), é o termo "velhice" que é usado metaforicamente, em (2*).⁹

Pois bem: minha sugestão é que as duas sentenças importantes de 1015a11-13 são comparáveis a (2) e (2*). Para facilitar a referência ao leitor, usarei as siglas (S.i) e (S.ii) para designá-las:

(S.i) "a *ousia* é *physis*" (1015a12); (S.ii) "a *physis* é *ousia*" (1015a13).

O assunto do capítulo 8 do livro V da *Metafísica* consiste nos diversos usos do termo "*physis*". Portanto, o alvo de Aristóteles, em 1015a11-13, consiste em identificar um uso metafórico de "*physis*" (não de "*ousia*"): é isto que ele faz na

⁹ A rigor, a convertibilidade de sentenças como (2) e (2*) parece ser tomada por Aristóteles como algo que permeia qualquer metáfora por analogia (cf. *Retórica* 1407a15-18). No entanto, isso não quer dizer que o sucesso estilístico do uso metafórico de "C" (para se referir a A) coincide com o sucesso estilístico do uso metafórico de "A" (para se referir a C). Um dos dois usos metafóricos pode resultar em algo mais elegante que o outro. Mas não preciso entrar nesses detalhes, nem preciso discutir o problema da conversão: seria toda metáfora baseada na analogia realmente conversível? (ver discussão em Innes (2003) p. 24-25). Além do mais, o texto de *Retórica* 1407a15-18 é um pouco incerto, e pode haver controvérsia sobre o escopo de aplicação da expressão "δεῖ" em 1407a15.

sentença (S.i). Já a sentença (S.ii) faz parte da explicação que Aristóteles fornece para caracterizar o uso metafórico de “*physis*”. Mas que tipo de explicação é essa? Como disse, a sentença (S.i) é de tipo similar a (2), e a sentença (S.ii) é de tipo similar a (2*). Em cada uma delas, o termo predicado é usado metaforicamente para se referir àquilo que é denotado pelo uso não metafórico do termo sujeito. Pois bem: se alguém não entender o uso metafórico de “crepúsculo” na sentença (2), que tipo de explicação é dada, se simplesmente apresentarmos a sentença (2*), que inverte a ordem da metáfora?

Vejamos. Se alguém não entendeu o uso metafórico que fiz de “crepúsculo” na sentença (3), “em meu *crepúsculo*, pretendo me retirar da cidade”, posso explicar o que quis dizer pelos seguintes passos. Dizendo que (2) “a velhice é crepúsculo”, revelo o referente almejado pelo uso metafórico de “crepúsculo” e, em seguida, dizendo que (2*) “o crepúsculo é velhice”, explicito que, entre os dois itens, há uma característica comum que permite que um seja usado pelo outro, em contextos adequados. Uma explicação mais direta e completa consistiria em explicitar a descrição que cabe à característica comum partilhada pelo crepúsculo e pela velhice: “uai, veja bem, ambos, crepúsculo e velhice, são os *últimos períodos* no domínio respectivo a cada um, ou seja, no dia e na vida”. No entanto, a explicação mais alusiva é suficiente, em muitos casos. É como se eu dissesse que a velhice pode ser chamada de “crepúsculo” porque o crepúsculo pode ser chamado de “velhice”. Essa explicação não *descreve* o fundamento que justifica o uso metafórico (a saber, a característica comum a ambas as relações etc.), mas *alude* a ele de modo suficientemente claro, de tal modo que alguém poderia acrescentar com facilidade: “ah!, claro, a velhice é o estágio final do vida, o crepúsculo é o estágio final do dia”.

Assim, é compreensível que, com o propósito de explicar a diversidade de usos do termo “*physis*”, Aristóteles tenha afirmado diretamente que (S.i) “a *ousia* é *physis*”. Com isso, Aristóteles explicita que “*physis*” é usado metaforicamente para se referir a *ousiai*. Ao afirmar (S.ii), “a *physis* é *ousia*”, no intento de explicar esse uso metafórico de “*physis*”, Aristóteles sinaliza que, entre os dois itens, há uma característica comum que permite que um seja usado pelo outro, em contextos adequados. Qual é essa característica comum? Como no caso envolvendo crepúsculo e velhice, a característica comum não precisa ser forte. A característica comum é bem genérica: algo como *ser um tipo de princípio*.

3. Explicação do uso metafórico de “natureza”

Retomemos as duas sentenças: (S.i) “a *ousia* é *physis*” (1015a12); (S.ii) “a *physis* é *ousia*” (1015a13).

Em (S.i), “*ousia*” é empregado em sentido estrito, mas não “*physis*” (cf. “a velhice é crepúsculo”). Em (S.ii), “*physis*” é empregado em sentido estrito, mas

não "*ousia*" (cf. "o crepúsculo é velhice"). Como Aristóteles identificará mais adiante no capítulo 8 de *Metafísica* Delta, o termo "*ousia*" também é usado de vários modos, e os dois modos principais não são metafóricos. Resta saber qual desses dois usos de "*ousia*" está em questão aqui: *ousia* como entidade autossubsistente, dotada de certo tipo de primazia ontológica, tal como os animais e as plantas (cf. 1017b10-14); ou *ousia* como a *causa do ser* pela qual uma entidade autossubsistente é o que ela é, por exemplo, a alma dos animais (cf. 1017b14-16).¹⁰

Minha proposta é que, na sentença (S.i), "*a ousia é physis*", Aristóteles emprega "*ousia*" na acepção de *substância*, isto é, entidade autossubsistente, dotada do tipo de primazia ontológica que (por exemplo) um animal tem sobre suas propriedades. Se "*ousia*", na sentença (S.i), fosse equivalente a *essência*, isto é *causa do ser* que faz (por exemplo) um animal ser precisamente o animal que ele é, a sentença (S.i) deixaria de *identificar um uso metafórico de "physis"* – se perderia, totalmente, o paralelo com sentenças do tipo (2) "*a velhice é crepúsculo*". Além do mais, se a sentença (S.i) estivesse dizendo que "*a essência, como causa do ser, é natureza*", Aristóteles estaria repetindo o que ele já disse em 1014b35-1015a5. Repetições podem perfeitamente ocorrer em *Metafísica* Delta, que está longe de ser um léxico harmonicamente estruturado. Mas nesse caso a repetição não é plausível, pois a sentença supostamente repetitiva identifica um uso metafórico, diferentemente do que ocorreu em 1014b35-1015a5.¹¹

Assim, com o termo "*ousia*" em 1015a12, Aristóteles se refere à noção de *substância* – ou seja, aquilo que é introduzido em 1017b10-14: entidades dotadas de certo tipo de primazia ontológica, pelo qual se apresentam como sujeitos de suas propriedades etc.. Por outro lado, é claro que a força de "*natureza*", neste caso, não pode ser estritamente a de *princípio de movimento e repouso*. Ao dizer que a *substância é natureza*, na sentença (S.i), Aristóteles quer dizer que o termo "*natureza*" é usado, metaforicamente (portanto, não em sua acepção principal), para se referir àquelas mesmas entidades autossubsistentes que normalmente são identificadas pelo primeiro uso do termo "*ousia*": isto é, as substâncias. O ponto de Aristóteles é que substâncias (como seres humanos, cavalos, etc.) podem ser designadas pelo termo "*physis*" ("*natureza*"). No entanto, há ainda uma distinção importante. O uso metafórico de "*physis*" tem como referente as entidades que

¹⁰ Sobre os dois usos de "*ousia*", remeto o leitor ao meu trabalho prévio em Angioni 2008, p. 23-25. Ver também Code 1997.

¹¹ Discordo de Bodeüs e Stevens (2014), p. 103, bem como de Ross (1924), p. 296, que julgam que o sentido de "*ousia*" envolvido nessas sentenças é o de *essência* (como causa do ser). Nisso, eles seguem o comentário de Alexandre de Afrodísia (359.32-360.1). O *conteúdo* do comentário identifica uma tese que Aristóteles de fato subscreve: "*physis*" em sentido estrito é a *essência* (a forma) dos seres *naturais* etc., mas também se usa "*physis*" para a *essência* de seres *não-naturais*, como artefatos etc. De fato, isso é trivialmente verdadeiro: Aristóteles usa "*physis*" para se referir à *essência* de seres *não-naturais*. No entanto, a questão relevante, para a interpretação de 1015a11-13, consiste em saber se é exatamente esse uso que Aristóteles está identificando nessa passagem. Minha resposta a esta última questão é negativa.

Aristóteles identifica como substâncias. No entanto, entre as muitas características das substâncias, qual delas Aristóteles está selecionando, nesse uso metafórico de “*physis*”? Aristóteles está interessado na característica comum que todas as substâncias têm (como entidades autossustentadas), em vez de estar interessado na particularidade específica que faz de cada uma aquilo que ela é (por exemplo, aquilo que faz o cavalo ser, especificamente, cavalo). Esse ponto ficará mais claro logo mais.

A rigor, Aristóteles prevê esse uso metafórico de “*physis*” duas vezes na *Física*, apesar de haver outra passagem cuja leitura poderia indicar a conclusão contrária. Em *Física* II.1, lemos: “assim como denomina-se ‘técnica’ aquilo que é devido à técnica e que é artificial, do mesmo modo também denomina-se ‘natureza’ aquilo que é natural e devido à natureza” (193a32-33).¹²

O que Aristóteles quer dizer nessa passagem é que o termo “técnica”, apesar de ser reservado, em seu uso mais estrito, a um tipo de capacidade produtiva que seres humanos possuem (por exemplo, medicina, escultura ou carpintaria), *também* pode ser usado para se referir aos produtos da técnica.¹³ Do mesmo modo, o termo “natureza”, apesar de ser reservado, em seu uso mais estrito, a um tipo de causalidade intrínseca que apenas seres naturais possuem, *também* pode ser usado para se referir às entidades que resultam dessa causalidade, isto é, as substâncias naturais. Um pouco antes, no mesmo capítulo, Aristóteles *parece* ter sugerido que essa extensão no uso dos termos “técnica” e “natureza” fora proibida:

“São ‘devido à natureza’ tais coisas e tudo que lhes pertence devido a elas mesmas – por exemplo, para o fogo, locomover-se para o alto: de fato, isso não é natureza, nem *tem* natureza, mas é por natureza e devido à natureza” (192b32-193a1).

De fato, Aristóteles parece sugerir que a ordem metafísica das coisas não seria corretamente capturada nessas duas sentenças: “o fogo locomover-se para o alto é natureza” e “o fogo locomover-se para o alto *tem* natureza”. Ele parece sugerir uma regimentação para exprimir esse tipo de fenômeno: “o fogo locomover-se para o alto é *por* natureza”, “o fogo locomover-se para o alto é (*ou se dá*) devido à natureza”. Certo ímpeto regimentador parece ser vislumbrado também em outro trecho, logo a seguir: “o composto de ambos [*sc.* o composto hilemórfico], por sua vez, não é natureza, mas sim *por* natureza – por exemplo, ser humano” (193b5-6).

Aristóteles parece sugerir que deveriam ser evitadas sentenças como “ser humano é natureza”. Tal sentença deveria ser substituída por “ser humano é *por*

¹² A tradução de todos os trechos da *Física* é minha, de Angioni (2009), com pequenas modificações.

¹³ Ver meus comentários em Angioni (2009), p. 215.

natureza". No entanto, a força e o alcance dessa proposta de regimentação da linguagem não devem ser mal compreendidos. Talvez Aristóteles só queira dizer que, quando um cientista natural está precisamente na sua função de estudar a natureza, ele deve preferencialmente notar que "natureza", preponderantemente, se refere a um *tipo específico de causalidade*, não a entidades tais como um ser humano. No entanto, mesmo essa sugestão é altamente duvidosa – tanto que Aristóteles frequentemente utiliza o termo "natureza", em sua obra biológica, de muitos modos, não apenas para se referir ao tipo específico de causalidade.¹⁴ Assim, o mais provável é que, em 193b5-6, Aristóteles esteja apenas enfatizando que, na *Física*, que é uma obra que desenvolve uma reflexão filosófica sobre o domínio das ciências da natureza, é melhor, *para o filósofo*, observar o uso do termo "natureza" para identificar precisamente um *tipo específico de causalidade*, evitando usar o mesmo termo para se referir às entidades que são geradas por essa causalidade. Mas nada indica que essa conveniência de linguagem deva ser entendida como uma norma universal, que devesse ser imposta tanto à linguagem do biólogo como à linguagem filosófica da *Metafísica*.

Outro trecho do mesmo capítulo da *Física*, depois de afirmar que as entidades "dotadas de natureza" (isto é, dotadas de *princípio de movimento e repouso*) são substâncias (192b33), justifica essa afirmação acrescentando que elas são "algo subjacente" (*hypokeimenon ti*). Voltarei a esse ponto: *ser algo subjacente* é exatamente uma das descrições possíveis para a característica comum partilhada pela *substância* e pela *natureza* – aquela característica comum que permite o uso metafórico de "*physis*".

4. A contraparte do uso metafórico de "natureza"

A sentença (S.ii), "a *physis* é *ousia*" (1015a13), é a contraparte da sentença (S.i), "a *ousia* é *physis*" (1015a12). Se é assim, o predicado "*ousia*" em (S.ii) não é usado em sentido estrito, mas como metáfora para se referir às coisas que são *naturezas* em sentido estrito.¹⁵ Por isso, Aristóteles não pode estar a dizer que "natureza (enquanto princípio) é essência", porque, neste caso, o uso de "*ousia*" resultaria em um sentido estrito, não metafórico, do termo – e, além do mais, Aristóteles estaria a repetir o que ele disse em 1014b35-1015a3.¹⁶ Resta, então, que o uso metafórico de "*ousia*", na sentença (S.ii), seja aplicado sobre a acepção de

¹⁴ Nas obras biológicas, é comum o uso de "*physis*" para se referir (por exemplo) à estrutura concreta que é o animal em seu todo. Ver alguns exemplos em *Geração dos Animais* 738b16; 742b1; 743a34; 744b27; 758a6; 758b24; 762b25; 761a34; 765b28; 766b25; 772b15; 775a7, 15; 776a6; 777a6; 777b32; 787b18; *Partes dos Animais* 647b12; 649b28, 31; 652b7, 670a25; 676a25; 679a32; 680b36; 681a6, 10; 681b2; 682a17; 682b1; 683b5; 684b22; 685b14; 686a28; 686b25; 687a5; 689a5; 695a8; 695b18; 696a20; *Incessu Animalium*: 706a12; 706a19; 706a24; 706b10; 707b6; 708a16; 711a6; 711a7; 711a20, 711b7-8; 712b23; 712b27; 714a8; 714a16; 714b14. E há ainda vários outros usos de "*physis*".

¹⁵ Isso faz parte da noção de metáfora por analogia: ver *Poética* 1457b18-19 e *Retórica* 1407a15-18.

¹⁶ Sobre isso, ver nota 11.

substância, como é de se esperar, se, de fato, a sentença (S.ii) é a contraparte da sentença (S.i).

Como se trata de uso metafórico, é claro que o termo “substância”, em (S.ii), não pode ser tomado estritamente, pois um princípio de movimento e repouso não é, ele próprio, uma entidade do mesmo tipo que o ente natural em que o princípio está imanente. É por isso que o adjetivo indefinido “*tis*”, em 1015a13, é mais bem interpretado como introduzindo a atenuação típica de um uso metafórico: “uma natureza (enquanto princípio) é *como que* um certo tipo de substância”. E isso é perfeitamente consistente com as observações feitas em *Física* 192b32-193a1 e 193b5-6.

No entanto, antes mesmo de passar a certos detalhes sobre (S.ii), falta responder uma questão fundamental: qual é a característica comum que fundamenta o uso metafórico de “*physis*”? Essa questão pressupõe outra: quais são os itens respectivamente correlatos a *physis* e *ousia* na relação de analogia que fundamenta o uso metafórico do termo? Como resposta à primeira pergunta, sugeri que o fator comum a *physis* e *ousia* é que ambas são, em relação a seus respectivos correlatos, *um princípio de certo tipo*. Não há dúvida de que *physis*, em uma de suas acepções principais (senão a principal, ao menos na *Física*, cf. 192b20-23), é um princípio: natureza é o princípio presente nas entidades naturais, pelo qual tais entidades produzem intrinsecamente os processos que as caracterizam exatamente como as entidades naturais que elas são. Por exemplo, a natureza do animal é o princípio pelo qual o animal nasce, se desenvolve e mantém em funcionamento os processos que o caracterizam como animal (por exemplo, alimentação, locomoção, reprodução etc.). Por outro lado, tampouco há dúvida de que a *ousia*, como *substância*, seja caracterizada como um princípio: a substância é exatamente aquele substrato autossustentado no qual as entidades de outras categorias (por exemplo, propriedades qualitativas e quantitativas) se dão, e sem o qual essas entidades não se mantêm (cf. *Metafísica* 1028a29ss.). Observemos, porém, que o tipo de princípio que a natureza é em relação aos seres naturais é *diferente* do tipo de princípio que a substância é em relação às entidades não-substanciais. Mesmo assim, basta haver *uma semelhança* (ainda que pequena) entre os respectivos modos pelos quais cada uma delas é princípio em seu respectivo domínio. Havendo uma tal semelhança, o uso metafórico dos termos está justificado.

Minha proposta é que essa semelhança é a seguinte: tanto a substância como a natureza são princípios de tal modo que garantem, para os itens correlatos (para os quais cada uma desempenha o papel de princípio), uma certa persistência. Essa noção de persistência não precisa ser definida de modo muito determinado, pois, em qualquer metáfora por analogia, basta haver *uma semelhança*, ainda que pequena, entre os dois pares de correlatos. De fato, a

semelhança entre velhice e crepúsculo também é pequena.¹⁷ Por isso, não há nenhuma necessidade de encontrar uma definição precisa da *persistência*, enquanto fator de semelhança que justifica o uso metafórico de "*physis*". Basta notar que é na substância que entidades não-substanciais encontram um substrato sem o qual não podem persistir ao longo do tempo (cf. *Metafísica* 1028a20ss.) e que, de modo similar, é também pela natureza (como princípio de movimento etc.) que os entes naturais persistem no tempo. Isso basta para o uso metafórico dos termos. Ser um princípio que fornece condições de persistência para os itens correlatos consiste, de certo modo, em ser algo *subjacente* aos correlatos.¹⁸

Assim, quando Aristóteles usa "natureza" de modo metafórico para se referir a substâncias, o que ele destaca é que essas substâncias são princípios *subjacentes que garantem certas condições de persistência* para os itens correlatos (isto é, para as propriedades inerentes nas substâncias).¹⁹ Isso explica muito bem por que a passagem em *Física* 192b34-193a1 não contradiz minha proposta. O uso metafórico de "natureza" não está interessado nas particularidades que fazem de cada substância a substância específica que ela é — por isso, não encontramos na *Metafísica* sentenças como "o cavalo é uma natureza". O que de fato encontramos na *Metafísica* é o uso metafórico de "natureza" para se referir, coletivamente, a substâncias, tendo por interesse tão somente aquilo que identifiquei como característica comum que permite a metáfora.²⁰ Não por acaso, boa parte dos usos metafóricos de "natureza" na *Metafísica* dizem respeito às Formas platônicas (ou outras entidades introduzidas por teorias do círculo platônico): quer elas existam ou não, o fato é Aristóteles e Platão concordam precisamente com a caracterização delas segundo o fator comum subjacente à metáfora. As Formas devem ser, além de entidades autossubsistentes, princípios que garantem condições de persistência àquilo de que são princípios.²¹

¹⁷ Ambos são o *último estágio* de seus correlatos, mas se poderia dizer, por exemplo — e para ficar apenas no terreno das propriedades quantitativas —, que há grande diferença entre as duas relações, na medida em que o crepúsculo, a rigor, ocupa apenas um parte insignificante da duração do dia (supondo-se, generosamente, que o crepúsculo dura duas horas, a relação seria 2/24, ou 2/12 em condições equatoriais normais), ao passo que a velhice tende a ser algo como um terço da vida ou, ao menos, uma porção bem maior que "2/24" ou "2/12".

¹⁸ A noção de "*hypokeimenon*" envolve esse fator. Ver Angioni (2009), p. 143-44, 147.

¹⁹ Não preciso discutir se o uso de "natureza" para se referir a substâncias se esgota nessa metáfora. Mas tudo que quero explicar nesse artigo é a sentença difícil de *Metafísica* V.4, 1015a11-13.

²⁰ Ver *Metafísica* 986b11; 997b6; 1010a34. Ver, também, nota seguinte. Há, ainda, ocorrências em que "*physis*" se refere a substâncias (ou, ao menos, entidades quase substanciais, como o osso), em atenção ao fato de que essas entidades são subjacentes que dão coesão a um conjunto de itens. Ver, por exemplo, *Segundos Analíticos* 98a23.

²¹ Ver o uso de "*physis*" para se referir às Formas Platônicas (ou outras substâncias propostas em teorias do círculo platônico) em *Metafísica* 987b33, 997b6, 1001a25, 1001b23, 1031a30, 1031b1, 1050b34, 1053b21, 1069a35, 1076a21-23, 1076b8-12, 1077a16, 1077b26, 1078b11, 1080a15, 1082a16, 1083b22, 1083b31, 1090a13, 1089b7; *Geração e Corrupção* 335b10.

Finalmente, minha proposta, além de respeitar, sem desvios, o sentido preciso de *metáfora* na filosofia da linguagem de Aristóteles, também *explica* o uso frequente que Aristóteles faz de “*physis*” para designar qualquer coisa que, sendo ou não sendo uma substância em sentido estrito, é um substrato com persistência privilegiada (em relação a propriedades nele inerentes) e, por isso, detém certa primazia como sujeito de predicação. Coisas como figuras e números são designadas como naturezas (cf. 1026a20), e muitas vezes Aristóteles deixa claro que são designadas como “natureza” porque são *algo subjacente* no sentido relevante. A rigor, figuras (bem como outras entidades abstratas, como números) não são nem sequer substâncias em sentido estrito, mas Aristóteles lhes aplica o termo “substância”, com força atenuada.²² É mais que natural que Aristóteles também aplique a essas mesmas entidades o termo “natureza” (cf. 1026a27).²³ Nesse caso, as entidades em questão nem sequer são suscetíveis ao devir e, portanto, a questão sobre suas condições de persistência no tempo nem sequer emerge. Mas tudo que Aristóteles quer dizer é que tais entidades são naturezas, metaforicamente, porque (mesmo sem fornecer condições de persistência *temporal* para itens que, a rigor, não precisam dessas condições) são, ainda que em um plano puramente abstrato, *subjacentes* (*hypokeimena*) aos quais pertencem propriedades (e nos quais unicamente tais propriedades podem ocorrer).

Último detalhe: minha proposta também explica por que Aristóteles aplica o termo “*physis*” a itens quaisquer que desempenham a função de objeto subjacente (e que são ou poderiam ser usualmente designados pelo termo “*hypokeimenon*”). O melhor exemplo (ou, talvez, o mais *surpreendente*, se não se compreende o uso metafórico de “*physis*”) é *De Memoria* 450a6, em que “*physis*” designa, exatamente, o objeto do pensamento²⁴. Mas há muitos outros casos.²⁵ Foi provavelmente em atenção a esses fatores que, em Angioni 2003, traduzi “*ousia*” em 1015b12-13 por “realidade”. É que a expressão “καὶ ὅλως πᾶσα οὐσία” em 1015a12 pode ter a força de “também, em suma, qualquer entidade que, semelhante a substâncias, desempenha o papel de subjacente”.

²² Ver, por exemplo, *Segundos Analíticos* 87a36.

²³ Ver também *Segundos Analíticos* 85a33, e (referindo-se a Pitagóricos) *Metafísica* 986a9, 987a17, 1090b7.

²⁴ A tradução de Beare, de todo modo excelente, neste caso deixa escapar a nuance: “if it is something *by nature* quantitative but indeterminate”, bem como a de Sorabji (2004, p. 49): “its nature is that of things which have a size”. Tradução preferível seria nesta linha: “se a natureza [sc., o objeto subjacente ao pensamento] for algo quantitativo, mas indeterminado”. Ver uso possivelmente similar de “*physis*” em *Metafísica* 1028a2; *De Caelo* 298b23.

²⁵ Para outros usos de “*physis*” nessa direção, ver *Refutações Sofísticas* 172a37; *Física* 189a29; 207b22; 226a17 (“*hypokeimene physis*”); *Geração e Corrupção* 322b19, 324a15; *De Anima* 418b31; *Partes dos Animais* 639a10; 649a1; *Metafísica* 983a13, 983a17, 995b2, 1001a8, 1003a27, 1003b23, 1003b34, 1004a16, 1010a34, 1026a25, 1052b12, 1053b26, 1078b16, 1088a23; *Ethica Eudemia* 1214a10.

REFERÊNCIAS

DE AFRODISIA, A. *In Aristotelis Metaphysica Commentaria*, Michael Hayduck (ed.). Berlin: Georg Reimers, 1891.

ANGIONI, L. *Metafísica* de Aristóteles. **Phaos** 3, p. 5-21, 2003.

ANGIONI, L. **As Noções Aristotélicas de Substância e Essência**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ANGIONI, L. **Aristóteles, Física I-II**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BARNES, J. (ed.). **The Complete Works of Aristotle**. The Revised Oxford Translation. Princeton: Princeton University Press, 1980.

BEARE. I. I. Aristotle: On Memory. In: **The Complete Works of Aristotle**, Barnes, J. (ed.). The Revised Oxford Translation. Princeton: Princeton University Press, 1980.

BODEÛS, R., STEVENS, A. **Aristote, Métaphysique Delta**. Paris: Vrin, 2014.

BOYS-STONES, G. (ed.) **Metaphor, Allegory and the Classical Tradition**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CODE, A. Aristotle's Metaphysics as a science of principles, **Revue Internationale de Philosophie** 51, 1997, p. 357-378.

KIRWAN. C. **Aristotle: Metaphysics, Books Γ, Δ and E**. Oxford: Clarendon Press (2. ed.), 1993.

INNES, D. Metaphor, Simile, and Allegory as Ornaments of Style. In: Boys-Stones, G. (ed.), **Metaphor, Allegory and the Classical Tradition**. Oxford: Oxford University Press, p. 7-27, 2003.

LAKS, A. ¿Qué es cognitivo en la metáfora según Aristóteles?. **Archai** 30, e03032, 2020.

LUCAS, D. W. **Aristotle's Poetics**, Oxford: Clarendon Press, 1968.

MORAN, R. *Artifice and Persuasion: The Work of Metaphor in the Rhetoric*. In: **Essays on Aristotle's Rhetoric**, Oksenberg-Rorty, A. (ed.). Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1996, p. 385-398.

OKSENBERG-RORTY, A. (ed.). **Essays on Aristotle's Rhetoric**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1996.

ROSS, D. *Metaphysics*. In: **The Complete Works of Aristotle**. "The Revised Oxford Translation", Barnes, J. (ed.). Princeton: Princeton University Press, 1980.

ROSS, D. **Aristotle's Metaphysics**. Oxford: Clarendon Press, 1924.

SORABJI, R. **Aristotle on Memory**., 2nd edition. Chicago: Chicago University Press, 2004.

Data de envio: 30/09/2020

Data de aprovação: 03/12/2020

Data de publicação: 21/12/2020